

3

O Projeto PIBID/ESMU/UEMG e a Escola Estadual

De acordo com a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), uma fundação do Ministério da Educação do Governo Federal Brasileiro, o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) pode ser descrito como:

uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola (CAPES, 2016)*.

Conforme Pires (2015), o PIBID foi lançado como projeto em dezembro de 2007 e inicialmente foi destinado “apenas ao sistema público federal de ensino superior, e incentivava a formação de professores para a educação básica, especialmente, para o ensino médio” (PIRES, 2015, p. 108). Atualmente o programa ampliou sua oferta para “as esferas estaduais e municipais, além do sistema privado, focalizando todos os níveis de ensino da educação básica: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, inclusive a educação profissional técnica de nível médio” (Ibidem, p. 108).

* <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capesPIBID>

Através de um convênio firmado entre a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e a CAPES, o projeto do PIBID/UEMG, intitulado “As Licenciaturas da UEMG e a educação básica: construindo saberes e práticas docentes”, iniciou suas atividades no mês de agosto/2012 com a proposta contratual de duração até 2018 (SILVA, 2014a, p. 13).

Por tratar-se de uma universidade “multicampi”, a UEMG procura considerar as diferenças regionais, culturais, educacionais e geográficas das suas unidades, bem como das escolas públicas envolvidas no projeto. O PIBID/UEMG tem como objetivos:

- a. Proporcionar formação dos estudantes de licenciatura fazendo uma associação com o exercício prático da docência no âmbito da Educação Básica;
- b. Oportunizar espaços e tempos diferenciados aos licenciandos nos quais a “identidade docente” possa ser aprimorada;
- c. Promover a vivência de práticas didáticas e pedagógicas que propiciem a formação dos sujeitos envolvidos, nos âmbitos da formação inicial e continuada;
- d. Trazer, em sua essência, a proposta de desenvolvimento de diversos diálogos sobre a Educação, com construção permanente de saberes e práticas sobre a ação docente, contemplando diferentes áreas de formação, de forma interdisciplinar (FRANÇA, 2012b).

Através do acima exposto, podemos observar a relevância deste Projeto que tem, em sua essência, o objetivo de proporcionar o diálogo entre a universidade e a escola, sendo esta atividade de suma importância também para as escolas participantes.

Silva e Miranda (2014) discutem a importância do Projeto destacando “a oportunidade do diálogo entre a teoria e a prática para a condução dos trabalhos pedagógicos e musicais a serem propostos na educação básica” (p. 85). A partir de uma breve retrospectiva histórica da educação musical no Brasil, as autoras discorrem sobre a Lei 11.769/08 que restituiu o ensino de música como conteúdo na educação básica do país, ressaltando que projetos como o PIBID podem contribuir significativamente para a implantação desta lei.

Silva (2014a) foi coordenadora do projeto PIBID/UEMG – Subprojeto Música referente ao curso de licenciatura em Música com habilitação em Instrumento ou Canto (LIM) no período de fevereiro de 2012 até junho de 2015, e relata como foi o início das atividades numa das escolas:

Visto que a música não existe como disciplina, nem mesmo como conteúdo nesse segmento de ensino, o espaço que tivemos para iniciar nosso trabalho nas escolas foi o contra turno das aulas, no formato de oficinas de música. Inicialmente, propusemos um trabalho de natureza interdisciplinar, que dialogava com o PIBID Artes Visuais (Escola Guignard UEMG), o qual durou cerca de um ano. O interesse dos alunos pela aula de música foi tamanho que, no segundo semestre de 2013, tivemos que abandonar a ideia interdisciplinar e oferecer apenas quatro horas para as oficinas de música (SILVA, 2014a, p. 13).

A partir de um convite da coordenadora do projeto, comecei minha participação no PIBID/LIM em agosto de 2013, em uma das escolas estaduais participantes do projeto, como professor colaborador. Nesta escola, as atividades já estavam em andamento e tinham como principal objetivo o desenvolvimento da paisagem sonora baseado na referência de Murray Schafer (1992). Os bolsistas elaboravam, discutiam e desenvolviam atividades que chamavam a atenção dos alunos para os sons que estavam ao seu redor, buscando uma maior conscientização sobre a qualidade e quantidade (variedade, volume etc.) destes sons.

Como resultados das atividades desenvolvidas, Silva (2014a) destaca:

a permanência dos alunos egressos nas oficinas, o direcionamento profissional de dois alunos que estão se preparando para o vestibular de música da UEMG, o crescente interesse dos participantes em aprimorar suas habilidades técnicas e musicais tanto na prática instrumental quanto na prática vocal, e em especial, a ampliação do repertório musical desses alunos (SILVA, 2014a, p. 14).

A autora ressalta que é necessário reconhecer que o formato de oficinas “é um contexto bastante favorável para uma experiência de ensino de música na escola, pois a participação dos alunos é voluntária, participa quem quer aprender a tocar um instrumento musical” (SILVA, 2014a, p. 14). Por outro lado, destaca a importância deste espaço para os alunos licenciandos, para que estes “tivessem uma experiência real da prática docente em sala de aula” (Ibidem, p. 14).

Através dessa participação no projeto, identifiquei esta escola estadual como um ambiente propício para o desenvolvimento da presente pesquisa. Observei que a estrutura física e pessoal disponível no local eram adequados ao desenvolvimento

de um novo projeto, que seria proposto para o ano seguinte, e que teria como foco principal a aplicação das práticas informais de aprendizagem musical.

3.1 Estrutura do Projeto PIBID/LIM – Oficina de música*

A Escola de Música (ESMU) da UEMG desenvolve dois subprojetos no PIBID: um associado ao curso de licenciatura em Música com habilitação em Educação Musical Escolar (LEM) e outro associado ao curso licenciatura em Música com habilitação em Instrumento ou Canto (LIM). Estes subprojetos apresentavam uma estrutura semelhante.

O subprojeto PIBID/LEM foi desenvolvido em duas escolas estaduais, ambas em Belo Horizonte, e conta com a estrutura de um professor da ESMU/LEM como Coordenador de Área e um professor de cada escola, que atuam como Supervisores do Projeto nas escolas, além de dez bolsistas licenciandos, cinco em cada escola.

O subprojeto PIBID/LIM foi desenvolvido em duas outras escolas estaduais e contou com uma estrutura semelhante ao projeto PIBID/LEM.

O Professor Coordenador tinha a função de dirigir, sugerir e organizar todas as atividades do Projeto, além de orientar os bolsistas no planejamento e condução das práticas sugerindo abordagens para a execução das atividades e textos para leitura e pesquisa. É o elo entre a escola pública e a universidade.

O Professor Supervisor tinha a função de estabelecer o diálogo entre a escola pública e a universidade. Ele era responsável pelo bom andamento das atividades na escola, dando um suporte necessário aos bolsistas para a prática e servindo de porta voz dos alunos da escola.

O Professor Colaborador não possuía função pré-estabelecida, uma vez que participava do projeto de forma voluntária, mas, mesmo assim, ele poderia sugerir e opinar sobre todas as etapas da elaboração, planejamento e execução

* A partir das características apontadas por Fernandes (2000) delimitamos o termo "oficina", utilizado neste trabalho, como sendo um espaço para o desenvolvimento de atividades musicais previamente planejadas pela equipe do Projeto PIBID, porém flexíveis de acordo com a demanda/interesse dos alunos e com a estrutura disponibilizada pela escola; sua proposta foi baseada na reflexão a partir do fazer musical; possibilitou o desenvolvimento de projetos com um ano de duração, no máximo; aconteceu no contra turno de uma escola pública estadual de ensino médio; não houve avaliações formais; com disponibilidade flexível de tempo para o desenvolvimento de cada atividade planejada.

das atividades. Tinha também a liberdade de acompanhar e auxiliar os bolsistas nas atividades na escola.

Os bolsistas tinham a função de planejar, executar e tecer reflexões acerca dos resultados obtidos a partir das atividades realizadas. Eles tinham total liberdade para fazerem sugestões sobre a ordem das práticas e sobre a maneira como estas seriam desenvolvidas.

O planejamento da oficina de música iniciou-se no mês de março de 2014 na Escola de Música (ESMU). A oficina de música acontecia nas sextas-feiras nas escolas participantes do projeto e no dia anterior, às quintas-feiras, toda equipe reunia-se na escola de música da UEMG para discutir sobre o que tinha sido feito na semana anterior, trocar ideias e planejar as atividades a serem realizadas no dia seguinte. As atividades práticas relacionadas a esta pesquisa começaram no mês de abril/2014 e terminaram no mês de novembro/2014, totalizando 20 encontros.

Inicialmente, a equipe do projeto PIBID/LIM decidiu que o tempo disponível para a oficina, de 3 horas, teria a seguinte divisão:

- Primeira parte: Dinâmicas em grupo – 14h/15h;
- Segunda parte: Aula de instrumentos – 15h/16h;
- Intervalo – 16h/16h15;
- Terceira parte – Prática em conjunto – 16h15/17h.

O tempo de cada etapa poderia ser estendido ou encurtado dependendo da atividade que estava sendo realizada. Os bolsistas tinham total liberdade para decidirem qual era o momento para mudar de etapa, mas foram orientados a organizarem atividades que tivessem a duração de pelo menos 45 minutos e não ultrapassem uma hora na sua realização.

Esta divisão partiu do objetivo de inicialmente integrar os alunos com atividades que envolvessem todo o grupo. Logo após vinham as aulas de instrumento, atendendo à solicitação dos próprios participantes, pois muitos deles já estavam tocando e gostariam de um aprimoramento técnico e teórico, além de outros que desejavam aprender a tocar. A terceira parte foi pensada na direção de que todos os alunos pudessem formar grupos e tocar músicas que poderiam ser sugeridas pelos bolsistas ou pelos próprios alunos.

3.2 O campo de pesquisa: a Escola Estadual

A escola estadual escolhida situa-se na região norte de Belo Horizonte. Fundada em 1988, era inicialmente parte de um projeto de implantação de escolas públicas integrais, baseadas nos extintos CIEEPs (Centro Integrado de Educação Pública), iniciativa que obteve relativo sucesso nos anos 1980 no Estado do Rio de Janeiro. Em Minas Gerais, o projeto recebeu o nome de Núcleo de Ensino e Extensão Comunitária (NEEC). Posteriormente, em 1992, tornou-se escola pública estadual regular (GERAIS, 1988, p. 10).

Podemos destacar algumas características dessa região: alto crescimento populacional; baixa renda per capita; baixo nível socioeconômico e de qualidade de vida, altos índices de violência*.

Todos esses indicadores podem ter influenciado a participação de alunos no projeto PIBID na escola. Apesar de não possuir dados para afirmações conclusivas a respeito disso, podemos observar uma possível relação entre esses índices e a evasão ocorrida no projeto, pois alguns alunos, apesar de interessados em frequentar a oficina, tiveram a necessidade de, por exemplo, buscar um emprego ou de estudar em cursos profissionalizantes.

O terreno da escola possui 9.000m² de extensão e 4.000m² de área construída. São 18 salas**, distribuídas nos três andares. No térreo, localizam-se a quadra poliesportiva coberta, com o palco para eventos, biblioteca, secretaria, salas dos professores, direção, vice direção, supervisão/orientação, cantina, sala específica para o PIBID, sala de artes, auditório para 120 pessoas e laboratório de informática com 28 computadores, mas somente dois deles eram equipados com caixas acústicas. A Internet disponível não possuía capacidade suficiente para vários acessos ao mesmo tempo, o que impactou em algumas atividades, como a audição de músicas. A instituição oferece ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O espaço físico disponível facilitava a divisão dos grupos em vários locais diferentes. Apesar desta oferta, em alguns dias havia uma necessidade de remanejamento das salas.

* Fonte: <<http://www.nossabh.org.br/indicadores/10906.html>>. Acesso em: 04 mar. 2016.

** Fonte: <<https://sites.google.com/site/eeprofhiltonrocha/infraestrutura-da-escola>>.

O equipamento da escola disponível para o projeto era: um computador, um projetor, uma caixa amplificadora, um microfone e instrumentos de percussão. Nas apresentações para maior número de pessoas, no auditório ou no palco da quadra, as limitações do equipamento eram evidentes quanto à possibilidade de amplificação de vários instrumentos ao mesmo tempo, e sempre alguém ficava prejudicado, principalmente quem tocava os instrumentos acústicos.

Estas dificuldades técnicas, apesar de impactar no resultado sonoro das apresentações, não impediam a equipe do projeto de realizá-las. Além disso, os bolsistas lidavam sempre com imprevistos, como o menor número de instrumentos devido à falta de alguns alunos, pois estes sempre levavam seus instrumentos para a oficina, ou à indisponibilidade do laboratório de informática.

3.3 Perfil dos alunos da escola

No início de 2014, o Professor Supervisor do projeto PIBID na escola convidou todos os alunos do turno da manhã para participarem da oficina de música do Projeto PIBID, que aconteceria na escola nas sextas-feiras à tarde, ou seja, no contraturno. A participação era gratuita e de livre escolha. Foram convidadas sete turmas de 1º ano num total de 282 alunos, três turmas de 2º ano – 90 alunos, e duas turmas de 3º ano – 60 alunos, num total de 432 alunos. Na ocasião, o Professor Supervisor ressaltou que não seria necessário nenhum tipo de pré-requisito ou inscrição, bastava somente comparecer na sala reservada para o projeto, às sextas-feiras, de 14h às 17h.

O Professor Supervisor do projeto PIBID tomou a iniciativa de distribuir, para as turmas do 1º ano (282 alunos), o primeiro questionário com o objetivo de mapear os alunos interessados, saber a respeito da sua prática musical (caso houvesse) e conhecer o interesse em tocar algum instrumento. Esta última questão estava relacionada à estrutura da oficina que, através de seu planejamento, estipulava um momento para a prática de instrumentos. Ele avaliou que não havia a necessidade de distribuir o mesmo questionário para as turmas do 2º e 3º anos, pois os alunos destas turmas já tinham sido convidados para participar do projeto PIBID nos anos anteriores e já tinham conhecimento do formato da oficina.

A estrutura do questionário trazia apenas as perguntas: 1) Nome; 2) Série e sala; 3) Gostaria de frequentar a oficina de música? 4) Toca algum instrumento? 5) Qual instrumento gostaria de aprender?

De acordo com os dados colhidos pelo professor, dos 282 alunos convidados do 1º ano, 79 alunos fizeram sua inscrição. Ao iniciar a oficina, notou-se uma grande diferença na quantidade de alunos que demonstraram interesse em frequentar (79) e o número daqueles que realmente compareceram na oficina (18). Foi então solicitado aos alunos inscritos do 1º ano que relatassem o motivo da sua ausência. De acordo com as respostas, dos 61 alunos que desistiram de frequentar a oficina, 23 relataram desistência por motivos pessoais; 15 estavam mudando de escola; 13 não podiam frequentar a oficina, pois tinham a necessidade de trabalhar para ajudar na composição da renda familiar; e 10 alunos relataram que estariam frequentando outro curso, no horário da oficina. No primeiro dia de oficina, efetivamente 18 alunos do 1º ano compareceram, juntamente com 5 alunos do 2º ano e 5 alunos do 3º ano, num total de 28 presentes.

Dos 79 alunos que demonstraram interesse em participar do projeto e fizeram sua inscrição, 25 responderam que já tocavam algum instrumento e 54 não tocavam, ou seja, podemos salientar que, na escola, havia alunos que já possuíam habilidades na prática instrumental.

A partir desta constatação, foi perguntado qual(is) instrumento(s) estes alunos do 1º ano tocavam. O violão foi o instrumento citado por 13 alunos, seguido pela percussão 4, guitarra 3, flauta, bateria e viola por dois alunos cada e teclado, tambor, sax alto, pandeiro e contra baixo, um aluno cada.

Na questão sobre qual(is) eram os instrumento(s) que os alunos gostariam de aprender:

O violão foi a opção de 63 alunos, seguido pela guitarra, com 26 alunos, piano e bateria por três alunos cada, teclado, percussão, flauta, contra baixo, cavaquinho por dois alunos cada, e o saxofone escolhido por um aluno.

Esta visão do universo de alunos foi estratégica para o funcionamento da oficina, pois seria feito um planejamento das turmas de instrumentos que poderiam ser ofertadas de acordo com as respostas obtidas e conforme o perfil dos bolsistas. Podemos perceber que a maioria dos instrumentos citados está relacionada à música popular, sendo a guitarra e o violão os instrumentos mais desejados pelos alunos.

Durante o desenrolar das atividades, o número de participantes caiu de 28 para 20, em média, e esta frequência foi variável durante todo o ano de 2014.

Havia um público que praticamente visitava os colegas, trazia um violão, tocava algumas músicas, participava das atividades e só voltava depois de um longo tempo. Dois ex-alunos que moravam na comunidade vizinha à escola tiveram sua participação autorizada pela diretoria.

Depois de dois meses, foi distribuído um segundo questionário com o objetivo de conhecer o perfil dos 20 alunos que, até então, eram os mais assíduos. Destes, 14 eram rapazes e 6 moças, com idade média em torno dos 16, 17 anos.

- Em relação à prática musical: 9 alunos responderam que apenas tocavam, 3 apenas cantavam, 6 tocavam e cantavam e 2 não tocavam e nem cantavam;
- Em relação ao aprendizado musical anterior ao projeto: 17 alunos responderam que nunca tiveram aulas, 2 tiveram cerca de dois meses de aula e 1 aluno respondeu que fez aulas regulares de flauta doce num projeto da Prefeitura.
- Sobre os estilos musicais da preferência dos participantes: Observamos a grande variedade de gêneros como o Blues, Rock, Jazz e a Música Clássica e também uma grande variedade de estilos, como MPB, Sertanejo, Axé, Pop Nacional, Funk (Brasil), os quais integram o grande gênero Música Brasileira.
- Sobre a maneira como eles obtêm as músicas que desejam ouvir: 6 alunos relataram que conseguem suas músicas via *Whatsapp*; 9 compram CDs; 9 compram DVDs; 13 via *Bluetooth*; 20 através do *download* da Internet. Neste caso, foi permitido marcar mais de uma opção dentre aquelas disponíveis, e também havia espaço para o aluno preencher com o nome de algum outro meio utilizado.
- Em relação sobre quais são os dispositivos utilizados para escutarem suas músicas preferidas: 5 declararam que escutam através de um CD player; 5 através de Mp3 player; 8 através do rádio; 9 através do som doméstico; 13 através do computador e 17 escutam utilizando o celular. Os dispositivos próprios para reprodução de músicas, como o CD player e Mp3 player continuam em uso, com destaque para o rádio e o som doméstico.
- O site mais citado pelos alunos para conseguirem suas músicas foi o aplicativo 4shared* “que oferece a opção de armazenar conteúdo, compartilhar

* www.4shared.com

arquivos com outros usuários e realizar o *download* de conteúdo ofertado por terceiros de forma prática e eficiente” (MARTZ, 2016).

Como parte final do questionário, foi indagado aos alunos sobre suas práticas musicais atuais fora do projeto, o lugar onde estas práticas acontecem, a frequência e o instrumento que tocam. As questões eram abertas. Inicialmente, foi perguntado se eles participam de alguma banda ou grupo com prática musical regular, como também a sua frequência. Dezoito alunos responderam que não participam de nenhuma banda e dois participam de um grupo musical, sendo que um deles toca violão há dois meses e outro aluno toca bateria há dois anos. Questionados sobre o envolvimento em alguma outra atividade musical, dos vinte alunos, cinco responderam que participam de outra atividade com alguma frequência: uma vez por semana (3 alunos), sempre (1 aluno) e diariamente (1 aluno). Os locais onde estas atividades acontecem foram: a igreja (2 alunos); na vizinhança (1 aluno); vários lugares (1 aluno), na casa de pais e parentes (1 aluno). Quanto aos instrumentos, foram citados: percussão (1 aluno); bateria (1 aluno); violão (2 alunos) e canto (1 aluno).

Resumidamente, alguns alunos que frequentaram a oficina já tocavam, outros queriam aprender e todos buscavam um maior conhecimento sobre música e/ou demonstravam interesse em tocar outros instrumentos. Escutavam grande variedade de estilos musicais, principalmente nos aparelhos celulares, e buscavam as músicas em diversas fontes, sendo as mais significativas o compartilhamento de arquivos de áudio com os colegas ou através do *download* de músicas da Internet. Poucos, porém, tinham uma prática musical regular.

3.4 Perfil dos bolsistas

Os participantes desta pesquisa são os bolsistas do projeto PIBID e os alunos da escola estadual. Os cinco bolsistas que atuavam em uma das escolas estaduais do Projeto PIBID/LIM eram alunos regulares do curso de licenciatura em Música com habilitação em Instrumento ou Canto (LIM) e seus integrantes eram:

- Cláudia, 22 anos, flautista com perfil erudito, que, após completar seus estudos num conservatório de música, graduou-se em bacharelado em Flauta pela ESMU/UEMG. Segundo seu relato, nunca teve experiência com as práticas informais de aprendizagem musical. Além da flauta transversal,

tocava flauta doce e piano. No início de 2014, era aluna do 3º período do curso de LIM – Flauta.

- Cássio, 22 anos, violonista com perfil erudito, frequentou a escola de música na cidade de Ouro Branco e estudou exclusivamente o repertório erudito. Também relatou nunca ter tido nenhuma experiência com as práticas informais. No início de 2014, cursava o 5º período do curso LIM – Violão.
- Cristiano, 32 anos, violonista que também toca vários instrumentos de percussão, além de cantar e tocar cavaquinho. Frequentou várias oficinas de instrumentos e musicalização. Possui perfil bem popular, participa de grupos de MPB, tem larga experiência com as práticas informais. No início de 2014, cursava o 1º período do curso LIM – Violão.
- Walter, 24 anos, violonista e guitarrista que não frequentou cursos regulares de música antes de iniciar seu curso na ESMU. Toca em bandas de música popular e rock e, na ocasião da pesquisa, estava acompanhando uma cantora em shows em bares da cidade. Tem grande experiência com as práticas informais. No início de 2014, cursava o 7º período do curso de LIM – Violão.
- Pedro, 31 anos, violonista que frequentou por dois anos aulas regulares de instrumento e teoria no curso de Formação Musical oferecido pela Fundação Clóvis Salgado, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Paralelamente, tocava em grupos de música popular e tinha uma razoável experiência com as práticas informais. No início de 2014, cursava do 5º período do curso LIM – Violão.

Todos os bolsistas já atuavam como professores de música, principalmente de instrumento, em aulas particulares ou em escolas de música particulares. O perfil deles influenciou tanto na condução quanto no resultado das atividades desenvolvidas. Os relatos contribuíram com outro ponto de vista, um novo ângulo a respeito das experiências na oficina de música, pois estavam observando e dialogando com alunos da escola através de um contato direto, conhecendo as facilidades e dificuldades de cada um acerca das atividades. Sua experiência foi fundamental para a estruturação da oficina, pois parte das atividades, como as aulas de instrumento e prática em grupo, foram planejadas a partir das suas habilidades e conhecimentos.

A partir desses resultados dos questionários dos alunos da escola, juntamente com o perfil dos bolsistas, foi decidido pela equipe do projeto quais os instrumentos seriam ofertados, e, em seguida, foi feita a divisão em grupos: Grupo 1) Percussão; Grupo 2) Violão, guitarra e contrabaixo; Grupo 3) Piano, teclado e flauta.

Foram trabalhados apenas instrumentos cuja prática era de domínio dos licenciandos, que estavam disponíveis na escola, como os instrumentos de percussão e aqueles que os alunos poderiam trazer de casa, como o violão, a guitarra, o teclado, a flauta e o contrabaixo.